



UMA NOITE A 550KM DAQUI
CAROLINA CORDEIRO

SALA PROJETO FIDALGA
20.10.17-05.11.17



Uma noite a 550km daqui, vista geral, primeira sala, foto: Ding Musa | *Uma noite a 550km daqui*, General view, first room, photo: Ding Musa



Uma noite a 550km daqui, 2010/2017, dimensões variáveis, vista geral, foto: Ding Musa | *Uma noite a 550km daqui*, 2010/2017, variable dimensions, General view, photo: Ding Musa



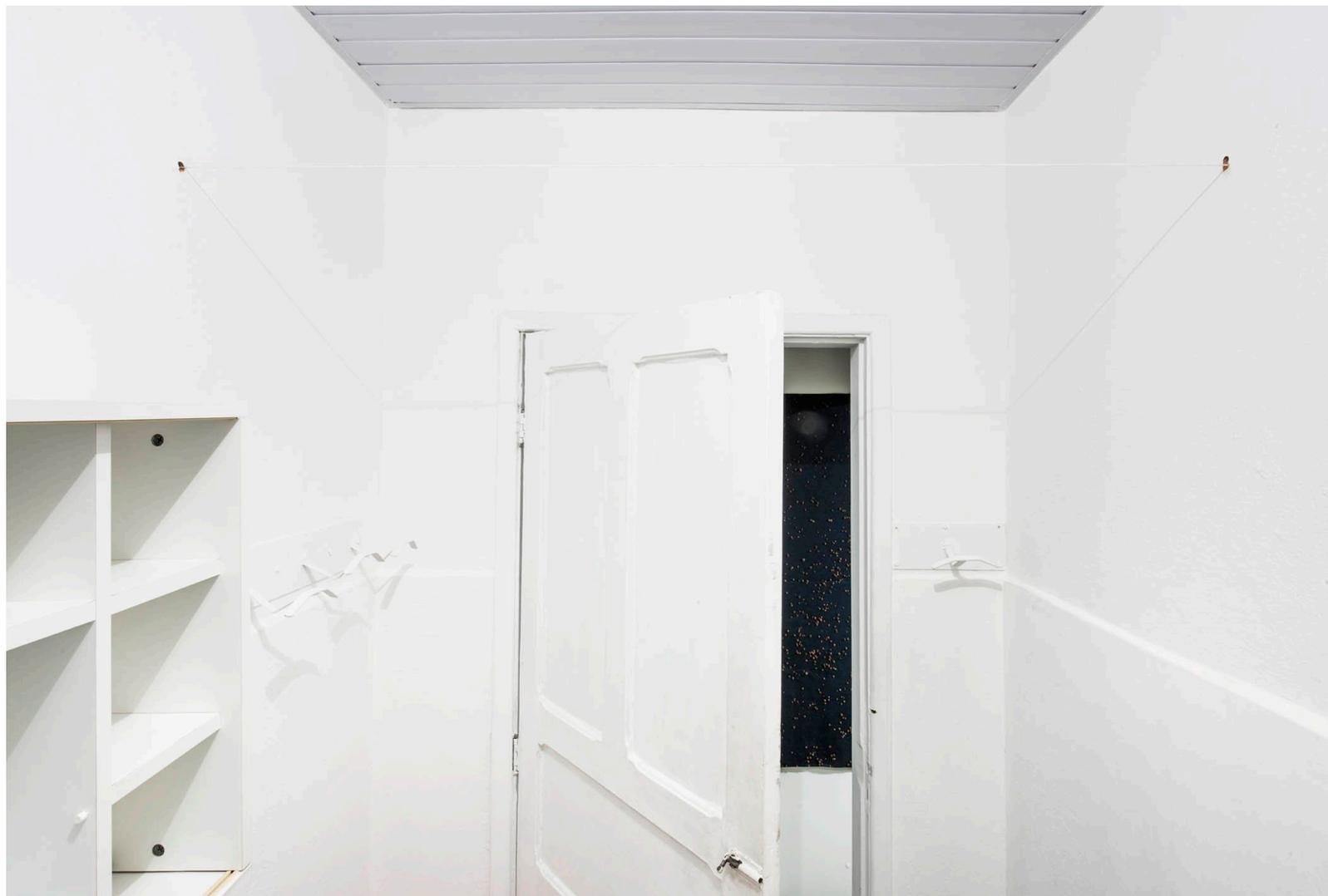
Uma noite a 550km daqui, 2010/2017, dimensões variáveis, vista geral, foto: Ding Musa | *Uma noite a 550km daqui*, 2010/2017, variable dimensions, General view, photo: Ding Musa



Uma noite a 550km daqui, 2010/2017, dimensões variáveis, vista geral, foto: Ding Musa | *Uma noite a 550km daqui*, 2010/2017, variable dimensions, General view, photo: Ding Musa



Uma noite a 550km daqui, 2010/2017, dimensões variáveis, vista geral, foto: Ding Musa | *Uma noite a 550km daqui*, 2010/2017, variable dimensions, General view, photo: Ding Musa



Cruzeiro do Sul, 2012/2017, dimensões variáveis, foto: Ding Musa | *Cruzeiro do Sul*, 2012/2017, variable dimensions, photo: Ding Musa



Cruzeiro do Sul, 2012/2017, dimensões variáveis foto: Ding Musa | *Cruzeiro do Sul*, 2012/2017, variable dimensions, photo: Ding Musa



Conversa com a artista Carolina Cordeiro. | Talk with the artist Carolina Cordeiro

Laura Belém entrevista Carolina Cordeiro – Outubro de 2017 – Exposição: Uma Noite a 550km Daqui – Sala Projeto Fidalga Fidalga

1) *Em depoimento sobre o seu trabalho, você fala de um interesse em explorar uma poética do cotidiano. Nessa exposição, entretanto, o cotidiano parece restringir-se à escolha dos materiais para as obras, enquanto o tema da paisagem oferece um campo de acesso e fruição que me parece muito mais rico. Poderia falar um pouco sobre isso?*

Na verdade, a palavra cotidiano me serve como uma espécie de fio terra; quando preciso sistematizar um pensamento para falar sobre meu trabalho, ela aparece. Talvez seja um lugar de conforto pra entender onde estou e de onde estou partindo. Mas o cotidiano entendido como um modo formatado da vida já se distanciou da minha produção há algum tempo. Foi a partir de uma relação com um entorno muito íntimo e doméstico que meus trabalhos começaram a desenhar um percurso. Com o passar dos anos minha percepção do cotidiano se modificou muito, assim como minha relação com ele, além daquilo que passei a entender como cotidiano. Elementos da paisagem, que antes pareciam não fazer parte do que chamava de cotidiano, estão agora totalmente inseridos na produção. Isso porque comecei a me movimentar mais, saí da casa, fui pra rua, pra estrada, pro meio do mato... e voltei para a casa. E saí de novo. Meu entendimento dessa paisagem também passa por um lugar da intimidade, uma experiência que vivi, construí, habitei. Inicialmente esses percursos que passaram a fazer parte do meu cotidiano estavam diretamente ligados à uma paisagem do entorno de minha cidade natal, Belo Horizonte. E esse ambiente é marcado por uma cor específica que matiza quase tudo o que está em volta, uma terra vermelha, poeira fina que respiramos “cotidianamente” e que nos colore por dentro. Talvez, de tanto respirar essa poeira fina, mesmo já distante de lá, um pouquinho dessa cor saia junto com a expiração e uma leve atmosfera é criada, desenhando uma paisagem que está de alguma maneira impregnada em mim. Bem, isso foi pra dizer como as coisas se mesclam e se impregnam de tal forma que já não podem mais ser pensadas separadamente. O cotidiano é sua própria reinvenção, paisagem, deslocamento, desordem e tudo que não se parece com ele.

2) *Trabalhos de artistas que abordam a paisagem de um modo não apenas contemplativo, mas sobretudo caracterizado por uma construção dinâmica, que pressupõe uma ação, percurso, caminhada, ou deslocamento – seja físico, geográfico, temporal ou espacial – exercem alguma influência direta ou indireta nesta exposição ou em sua trajetória artística? Penso, por exemplo, em Richard Long (suas caminhadas, mapas e textos), Robert Smithson (dentre outras, a ideia de levar, para o espaço expositivo, elementos da natureza e combiná-los a elementos industriais, em seus trabalhos denominados “non-site”), e Cildo Meireles (com a peça homônima à sua, “Cruzeiro do Sul”, e a exploração de um espaço simbólico e metafórico através da referência a um elemento cósmico).*

Fiquei um pouco surpresa com as referências. Imagino que elas façam parte de um escopo poético/imagético que me permeiam. E é claro que há uma relação com o movimento que a paisagem provoca. E que eu respeito muito. Respeito o pedido do trabalho. Desde que incorporei elementos da paisagem no que eu costumava chamar de cotidiano, o movimento se fez presente no processo de produção. Talvez

por causa da minha própria trajetória, ainda não consegui ter uma prática constante do ofício do ateliê (o que não deixa de ser um desejo) e meus trabalhos acontecem onde podem acontecer. Mas se há esse deslocamento físico, que demanda um esforço corporal, há também um recolhimento, uma procura minuciosa, uma coleta dessa paisagem. Então eu acabo trazendo o fora pra dentro de algum modo, que vai virar fora de novo quando mostro em uma exposição. E nesse trajeto há surpresa, encontros próprios de quem se desloca e se abre para o inesperado, o acontecimento. Existe uma contaminação do lugar e a partir disso posso desenhar, mentalmente, o que pretendo apresentar e por quê.

Recentemente, realizei alguns trabalhos com água de rio. Mas não queria qualquer rio, porque estava buscando uma espécie de rio síntese, ou rio mãe. Por isso, acabei me deslocando para a Ilha de Marajó no norte do Brasil, para buscar a desembocadura do Amazonas, onde ele encontra o oceano. Foi uma experiência transformadora porque a realização desse projeto – do deslocamento até Marajó até o retorno para São Paulo, onde o projeto foi apresentado – foi muito marcada pelo movimento e pelos encontros que ocorreram durante o processo. E quando finalmente realizei o trabalho, quis mostrar um pouco desse atravessamento físico/geográfico/temporal/espacial/emocional oferecendo, em um deles, água do rio para as pessoas tomarem em conta gotas, para que elas pudessem ser atravessadas pela experiência e pelo movimento do próprio rio.

O trabalho em que apresento a constelação Cruzeiro do Sul feita com pregos na parede ligados por um barbante que sustentam uma pedra do outro lado da parede, na verdade não tinha título, mas, de fato, busca a exploração do espaço na medida em que atravessa os limites das paredes internas das salas de exposição e coloca a pedra em relação direta com a constelação. Esse trabalho não pode ser visto por inteiro e por isso provoca uma circulação, uma exploração do espaço. E a alusão à constelação Cruzeiro do Sul, que vemos porque estamos no Hemisfério Sul, se relaciona com essa pedra que ameaça ir para o chão e desfazer o desenho. O equilíbrio precário causado pela tensão do barbante que liga a pedra aos pregos através da parede, e esses pregos são a representação de uma constelação, um espaço situado em uma distância que não podemos alcançar, mas que delimita um lugar no mundo, no caso, só quem está ao sul é que pode vê-la.

Às vezes, a produção convida a explorar um lugar desconhecido, às vezes a retornar a um lugar familiar e, quase sempre, o trajeto e o movimento estão contidos como um desenho do percurso do que foi realizado. Mas se a paisagem e o movimento são intrínsecos aos trabalhos, a materialidade deles acaba se adaptando às condições de uma produção sem ateliê. Por isso, a escolha dos materiais muitas vezes é pensada como o que pode ser facilmente transportado ou montado direto no espaço e aí, me agrada a ideia de um material que posso encontrar com facilidade em qualquer cidade. Isso acaba me dando uma liberdade imensa na hora de produzir e mostrar. E também me fez exercitar meu olhar para o que é possível realizar com o que tenho à mão. Não acontece sempre, mas acabou se tornando um recurso ao qual recorro em determinadas situações. Por isso elementos da natureza, ou que já estão no mundo, são trazidos para o espaço em diálogo com outros materiais.

3) *Citei Long e Smithson por sua importância histórica para pensarmos uma paisagem não-*

contemplativa, mas processual e construída pela temporalidade. E o Cildo, pela criação de um espaço simbólico. Mais que referências, queria saber como esses procedimentos reverberam em seu percurso. Há certamente um elemento intimista muito forte em seu trabalho, que você chama de "recolhimento, uma procura minuciosa, uma coleta dessa paisagem", e nesse sentido, estabeleceria relações mais próximas de sua poética com artistas como Vija Celmins, Kimsooja ou Ana Mendieta. Todas elas parecem experimentar uma espécie de fusão com a paisagem em suas criações - Kimsooja chega a indagar, num de seus trabalhos: "é o rio que está se movendo, ou sou eu?" Esse tipo de comunhão total com o local é importante em seu processo criativo?

Sim. Quando falei da surpresa, foi uma boa surpresa. E de fato o tópico paisagem aparece em meus trabalhos de modo processual. Quando decido utilizar algum elemento da paisagem, crio uma relação de atravessamento direto, preciso buscar o elemento, entrar em contato, estar fisicamente presente nessa apreensão. Um dos impulsos que tenho para fazer esse tipo de trabalho é o fato de saber que eles me colocam em movimento, em um trânsito que, muitas vezes, abre espaço para o acontecimento, como disse anteriormente. Em todas essas situações, há uma conexão forte com o lugar de onde recolho esses elementos e essa relação se dá de uma forma muito natural e sutil. Minha entrada acontece de uma maneira quase distraída, despreziosa. Claro que os projetos existem, mas no meio do caminho outra coisa pode aparecer, por isso deixo essa margem para a surpresa. Não se trata de uma relação impositiva com a paisagem, minha relação é de contaminação. Deixo os canais abertos, isso me ajuda na produção dos trabalhos. Observo muito, crio relações afetivas com as pessoas que encontro, o que é de enorme importância para mim. Muitas vezes estou sozinha e posso contar com essas relações que vão acontecendo. Gosto de saber das histórias da cidade, de quem a habita, tenho muita curiosidade em entender a dinâmica de um lugar novo. E todo o processo se desenha aos poucos.

Quando recentemente fiz o trabalho na Ilha de Marajó, senti o rio me atravessar. Foi bem ritualístico o que se passou ali. E ainda reverbera de alguma maneira. Mas essa foi uma experiência nova que ainda estou elaborando. Para essa exposição, mostro um trabalho cuja primeira versão foi feita em 2010 com o título "Uma noite a 100km daqui". Refiz o trajeto a uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, partindo de São Paulo, onde realizei o trabalho, e a essa nova versão dei o nome de "Uma noite a 550km daqui", uma vez que o referencial mudou. Na primeira vez que fiz esse projeto tive ajuda do Joãozinho, um senhor que vive nessa cidade onde coletou os carrapichos, que de tão pequena não existe no mapa. Quando voltei, sete anos depois, procurei por ele, que se lembrou imediatamente do trabalho com carrapichos e me ajudou a coletar mais alguns metros de tecido. Esses encontros são fundamentais para a realização, pois sem o Joãozinho, por exemplo, eu teria demorado muito mais tempo ou feito muito menos do que gostaria. Digo isso para tentar mostrar como a contaminação acontece, não se trata apenas de uma entrada individual e deslocada do contexto, tudo o que o lugar apresenta é importante para que os trabalhos possam existir. Entender minha presença como parte desse contexto demanda uma entrega e uma energia de conexão. E assim a paisagem se mostra dinâmica, como todo ambiente, com todos os seus elementos e eu tento me colocar como parte desses elementos durante o processo.

4) *Como você pensa a relação entre o espaço cósmico aludido nas obras dessa exposição e o espaço físico da galeria? Como se conectam o macro e o micro-cosmos em sua obra?*

Bem, podemos falar de um espaço cósmico, mas para começar trata-se de um espaço cósmico de feltro e carrapicho em um trabalho; e pedra, barbante e prego em outro.

O carrapicho gruda, é rasteiro, nos acompanha sem ser convidado. Sua natureza é essa da impregnação, seu modo de existência, de continuar existindo. Se ele desenha um céu não deixa de estar ligado à terra. A sobrevivência do carrapicho se dá na medida em que ele consegue se agarrar a algum bicho que passe por ele e que o levará para germinar em outro ponto. Então temos aqui um elemento de natureza rasteira e terrena que se desenhou como espaço cósmico quando o coloquei em contato com o feltro. Paisagem desenhando paisagem. E o elemento desagradável, que só não é desprezado porque se impõe de maneira insistente nos pelos dos bichos, na barra de nossas calças, se torna um céu estrelado. Um pequeno arbusto enraizado na terra que se projeta como infinito.

A pedra suspensa por um barbante no limite de sua tensão, prestes a cair no chão, puxa para baixo o desenho da constelação feito de pregos na parede ao mesmo tempo que é sustentada por ela. A constelação escolhida foi a Cruzeiro do Sul, que, como já disse, só pode ser vista no Hemisfério Sul, onde nos encontramos agora. Aqui uma paisagem impossível foi projetada e sua impossibilidade talvez resida no fato de nunca poder ser vista por inteiro, ao mesmo tempo em que ela conecta lugares diferentes e nos faz pensar o espaço como uma coisa só, apesar das paredes que o dividem.

Há um terceiro trabalho na exposição, trata-se de um díptico fotográfico em que apenas alguns pontos de luz podem ser vistos. O fundo é preto, mas não se sabe muito bem o que são aqueles pontos, se delimitam alguma coisa, se são uma cidade vista de longe... O que se sabe é que são pontos luminosos e o fundo preto pode nos remeter à noite. As fotografias estão emolduradas e têm vidros que, a princípio, dificultam um pouco sua visualização, mas os pontos luminosos estão lá, e o reflexo causado pelo vidro acaba sendo incorporado e pede uma aproximação de quem está diante delas. E a paisagem, mais uma vez, não se entrega.

Um espaço expositivo pode abrigar tudo, inclusive todo o espaço do mundo. No caso da Sala Projeto Fidalga, composto por duas salas e um banheiro entre elas, o que fiz foi atravessá-lo como se o trabalho não encontrasse limites ou divisões. Já que há a alusão a uma paisagem cósmica, como você diz, que ela aconteça sem delimitações internas. Se essa alusão ocorre, ela acontece de perto para longe, pois a natureza dos materiais convida a ver de perto, ao mesmo tempo em que a ocupação e a dimensão nos afastam e nos façam percorrer o espaço tentando percebê-lo por inteiro, o que de fato não acontece. Há nesse jogo de observação e interação com o espaço a indicação, novamente, do movimento contido no processo de realização. Um tempo que se percebe congelado e dinâmico, tal como o espaço cósmico que se desenhou.

projeto fidalga

A Sala Projeto Fidalga é um espaço sem fins lucrativos para exposições, site specifics e apresentação de produções experimentais e em processo, realizados durante a Residência Paulo Reis.

Projeto Fidalga room is a non profite space for temporary exhibitions, site specifics and presentation of experimental productions in process, made during the Paulo Reis Residency.